

A EDUCAÇÃO BÁSICA NO MUNICÍPIO DE IGARAPÉ- AÇU/PARÁ – UM PEDAÇO DA AMAZÔNIA E O OLHAR PARA A RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA

Dr^a Maria Auxiliadora Maués de Lima Araujo
Universidade do Estado do Pará
amaues3@hotmail.com
Gepgete/Gepte/Pibid/Cnpq (coordenadora)

Marayza de Freitas Brito
Universidade do Estado do Pará
marasatierf@hotmail.com
Gepgete/Gepeforp/Pibid/Cnpq

Milena Fragoso Nunes
Universidade do Estado do Pará
milenafragoso@hotmail.com
Gepgete/Gepeforp/Pibid/Cnpq

Ranelly Barreto Martins
Universidade do Estado do Pará
ranellybm@hotmail.com
Gpgete/Gepeforp/Pibid/Cnpq

Resumo

O artigo evidencia a problemática da relação família/escola tendo a não participação como problema a ser enfrentado. Objetivamos analisar a situação do ensino das escolas públicas do município de Igarapé-Açu e a relação família/escola no processo de ensino e aprendizagem. Adotamos a pesquisa bibliográfica e de campo, como recurso que nos permitiu explicitar o contexto escolar dos educandos, seu desempenho e participação das famílias no processo educativo. Dentre os achados, percebemos a importância da parceria entre escola e família como elemento fundamental ao desenvolvimento humano, psicossocial e profissional dos educandos, portanto, uma possibilidade de ampliação dos debates nesse campo.

Palavra – chaves: Ensino e aprendizagem, Educação Básica; Relação Família e Escola e Participação.

De como uma coisa leva a outra

Ao analisar o contexto da educação brasileira e diante dos assuntos discutidos em sala de aula, observamos a importância para nós, enquanto acadêmicos do curso de Pedagogia e futuros professores, de aprofundarmos os estudos acerca das políticas públicas educacionais realizando assim um breve diagnóstico sobre a qualidade da educação básica em nosso município e fundamentalmente da importância da participação da família na escola. Sabemos que a educação brasileira caminha enfrentando muitos problemas e que por vezes os mesmos parecem sem solução, mais ainda, que temos grandes abismos no campo das políticas públicas. Há muito temos visto um conjunto de leis e regulamentações e nem sempre o que está documentado, vem sendo efetivamente praticado. Neste caso fundamentalmente as legislações educacionais.

Nas escolas, percebemos a crescente falta de ética e respeito entre profissionais da educação, alunos, pais de alunos, gestores e comunidade escolar como um todo, são assuntos rotineiros e frequentes em nosso dia a dia. Partindo desta problemática, nos lançamos no desafio de pensar coletivamente de que maneira a ampliação da participação e parceria entre família e escola, pode se constituir em elemento de contribuição para superação de tantas demandas que por vezes atropelam o processo de ensino e aprendizagem e fragilizam o desenvolvimento dos alunos.

O presente artigo surgiu do acúmulo teórico e prático que vimos empreendendo como bolsistas do PIBID¹ e também do contato com a disciplina Políticas Públicas Educacionais², onde tivemos como atividade o desenvolvimento de uma pesquisa que tinha por objetivo analisar a situação do ensino das escolas públicas do município de Igarapé-Açu, verificando como a comunidade, principalmente os pais dos alunos da rede pública de ensino participam do processo de formação dos seus filhos e o que pensam sobre qualidade de ensino e educação.

¹ PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, que tem como objetivo antecipar o vínculo entre os futuros professores e as escolas de Educação Básica, e envolver os professores em processos de formação continuada. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência. (Fonte: <http://www.capes.gov.br/capespibid>. Acesso em: 03/04/2013)

² Realizada em março de 2013 pelo Prof. Esp. Mauri Gaspar, no curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado do Pará, Campus X / Igarapé-Açu.

Diante disso, elaboramos um conjunto de referencias que nos ajudaram a construir um roteiro de questões, que compuseram um questionário com cinco perguntas objetivas destinadas aos pais de alunos e, cinco perguntas objetivas direcionadas aos alunos. As questões envolveram aspectos que intencionavam uma reflexão familiar e discente sobre a Educação Básica no Município de Igarapé-Açu, tendo como foco a participação da família e a qualidade do ensino. Como critérios de participação na pesquisa, os pais deveriam ter um ou mais filho(s) matriculado(s) na rede pública de ensino do município de Igarapé-Açu há mais de um ano e, para os alunos, estes deveriam ter mais de 13 anos e estar cursando a partir da 7ª série.

Igarapé-Açu – verdejante porção Amazônica

Um pouco sobre a história do município, nos faz pensar num pedaço da nossa vasta Amazônia que tem por nome Igarapé-Açu – de igarapés verdejantes carrega em si o significado de ser igarapé grande ou caminho das igaras ou canoas³. Fundado em 26 de Outubro de 1906, está localizado no estado do Pará, na meso-região Nordeste Paraense e na microrregião Bragantina. O nome originou-se do sub-afluente do rio Marapanim que banha a cidade, o município tem cerca de 35.843 habitantes (IBGE/2010), possui um clima Equatorial super úmido e tem sua base econômica voltada para a agricultura, comércio e indústria.

Como vimos, trata-se de um município com características interioranas, que preserva culturas e valores, muitos destes, advindos desde a época de sua fundação. Uma destas heranças são as escolas de ensino básico, que se situam em sua maioria no centro da cidade, o que não propicia o acesso igualitário à educação básica, uma vez que, os alunos vindos de vilas e colônias próximas à cidade sentem grandes dificuldades em frequentar as aulas, falta de transporte, estradas em más condições, época de safra (que gera evasão escolar) e até mesmo falta de esperança de um futuro melhor são apenas alguns dos fatores que dificultam este acesso (ARAÚJO et al, 2012).

A educação no município de Igarapé-Açu

A educação básica torna-se, dentro do artigo 4º da LDB, um direito do cidadão e um dever do Estado. Desta maneira atendê-lo mediante oferta qualificada, e efetiva qualidade social é obrigação e direito de toda uma sociedade. Assim, faz-se necessário uma real preocupação com os caminhos a serem tomados no sentido do desenvolvimento deste ensino. De acordo com Cury (2008, pág.2):

A educação básica, como conceito, veio esclarecer e administrar um conjunto de realidades novas trazidas pela busca de um espaço público novo. Como um princípio conceitual, genérico e abstrato, a educação básica ajuda a organizar o real existente em novas bases e administrá-lo por meio de uma ação política consequente.

³ Fonte: www.prefeituraigarapeacu.pa.gov.br/. Acesso em: 10/03/2013.

Desta maneira a educação básica é de fundamental importância para o desenvolvimento pleno da pessoa, pois esta é o primeiro acesso da grande massa popular ao conhecimento científico, conhecimento esse fundamental para o desenvolvimento do Homem, seja no que diz respeito ao seu intelecto, ou, até mesmo, ao seu desenvolvimento social e cultural (GASPAR, 2011).

Sabemos que os problemas presentes na educação brasileira, especialmente na educação pública perpassam por fatores impostos pelo governo, município, escola, professores e família. Falta de estrutura, baixos salários, falta de recursos didáticos, ausência de professores, e entre outros agravantes, desmotivam a sociedade em geral a confiar na escola.

No estado do Pará, especificamente no município de Igarapé-Açu, a partir da inserção nas escolas, pudemos compreender melhor esta realidade, evidenciando que os fatores negativos elencados se tornam comuns. Neste sentido, devemos compreender que a escola precisa proporcionar o conhecimento formal e o aluno a partir desse procedimento deve produzi-lo, recriá-lo de modo a desenvolver suas potencialidades.

Deste modo, é necessário que o governo ofereça condições favoráveis de ensino para que o corpo docente, a comunidade e principalmente a família possam estar ultrapassando as dificuldades diárias da vida escolar e que a sociedade civil de maneira esclarecida e organizada ocupe seu lugar nos debates acerca da temática.

Ensino, sociedade e a relação família/escola

Para que possamos experimentar a efetivação de um ensino de qualidade nas instituições escolares existentes, alguns aspectos necessitam ser ponderados. A grande maioria deles perpassam desde a adequação dos espaços físicos onde o mesmo é praticado, o desenvolvimento das ações pedagógicas que indicam um bom funcionamento na instituição como um todo, até a participação e o acompanhamento da família no processo de ensino e aprendizagem do aluno, dentre tantos outros aspectos. Por meio de um ensino sistematicamente elaborado, a escola oferece diretrizes no que diz respeito aos conteúdos, a organização, aos objetivos e metodologias e também das responsabilidades de seus componentes. A família em conjunto com a escola iria auxiliar e fortalecer esse sistema educacional (SAVIANNI, 2007).

Considerando que a sociedade moderna passa por uma crise de valores éticos e morais sem precedentes, e que a mesma vem determinando regras de conduta nos mais diferentes espaços, dentre eles a escola, norteando as ações no campo educacional, e que em muito, é na escola que esse desvio de conduta se expande, precisamos cada vez mais aproximar a família da escola. A falta de limites dos alunos, o desrespeito em sala de aula, a desmotivação dos educandos, e a frustração de muitos professores em tentar organizar esta situação, muitas vezes sem sucesso, têm desviado em muito o foco da efetiva função social da escola e da responsabilidade da mesma com a formação dos alunos (MENEZES, 2010).

Estas questões têm sido cada vez mais que frequentes no contexto educacional, principalmente nas escolas da rede pública, por esta razão, muitas instituições procuram entender esta situação, ampliando os debates entre gestores, coordenadores e grupos de professores que tentam superar todos esses conflitos e dificuldades que em muito bloqueiam o desenvolvimento do processo educacional.

Neste sentido, uma escola que esteja efetivamente comprometida com a educação e com a qualidade da formação de seus educandos vai mais além, e procura não só mediar essas questões como também buscar apoio no seio familiar por meio de reuniões, atividades e programas que os envolvam de modo a compreender e equilibrar o comportamento do aluno seja provocado pela família ou pela escola. Desta maneira, produzir êxito escolar é estabelecer parcerias produtivas entre a escola e a família, que se complementam na medida em que suas especificidades se integram, como: o cuidar da família e o ensinar da escola. Promover essa relação é garantir fundamentalmente o desenvolvimento humano, social e profissional de cada educando (CORREIA, 2013).

Da Efetivação da Pesquisa

Partindo das construções teóricas, nós acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Pará, saímos pelas ruas e escolas do município de Igarapé-Açu, com o intuito de buscar respostas para tantas inquietações. Respostas que nos ajudassem a compreender quais aspectos estão sendo considerados indispensáveis para pais e alunos do município, levando em consideração o processo educacional, a qualidade do ensino e a efetivação da participação da família na escola.

Assim, nos lançamos na realização da pesquisa que será esclarecida mais adiante, focando na educação pública no município de Igarapé-Açu, especificamente relacionando os pais, e os alunos sobre o ensino e desenvolvimento do conhecimento escolar. Por fazer parte de uma avaliação acadêmica, a pesquisa proposta, serviu de base para nossa análise em questão que, constou de entrevistas realizadas com 70 pais de alunos e 70 alunos, pertencentes ao critério mencionado anteriormente. A investigação com os alunos, projetou-se no sentido de esclarecer o comprometimento dos alunos com a escola, especificamente com os seus estudos. Avaliar se o estudo promove para o discente uma mudança de vida, e se, sua dedicação nas avaliações, leitura e material didático-estrutural fornecido pela escola auxiliam na promoção do conhecimento e desenvolvimento do aluno.

Com relação ao formulário dos pais, as perguntas foram relacionadas ao ensino e a qualidade escolar, envolvendo questões de participação, interesse e dedicação em que os mesmos tinham ou deveriam ter para com seus filhos, como: acompanhamento dos estudos, presença nas reuniões da escola, avaliações e a credibilidade escolar.

Dos Achados da Pesquisa

Na primeira pergunta direcionada aos pais fizemos o seguinte questionamento: Você acredita na qualidade de ensino da escola que seu filho estuda? Em um total de 70 entrevistados obtivemos os seguintes resultados:

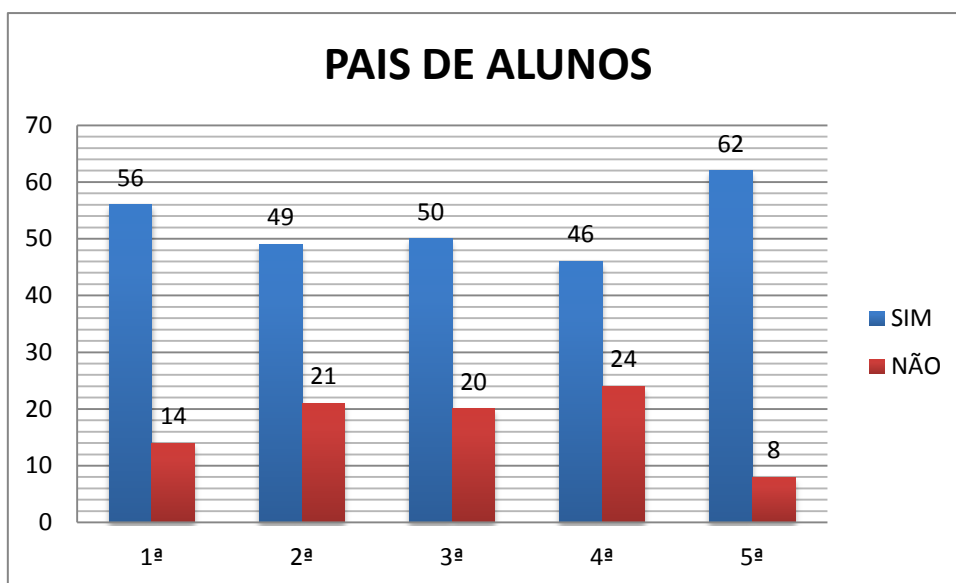


Gráfico 1: Pais de alunos entrevistados.

Das 70 entrevistas realizadas, 20% ou seja, 14 pais responderam negativamente a pergunta, ao contrário destes, os outros 56 pais, ou seja, 80%, disseram acreditar sim na qualidade de ensino da escola que os filhos estudam. Estes números baseiam-se no fato de que alguns destes pais estudaram há muito tempo atrás e veem a tecnologia, utilizada nos dias de hoje, como meio de qualificar o ensino. E mais revela que apesar de todos os problemas evidenciados na educação, ainda há uma crença na escola.

Na segunda pergunta destinada aos pais onde perguntamos a eles se os mesmos participavam das reuniões da escola, quando convocados? Obtivemos o seguinte: considerando que a maior parte, 49 pais que corresponde a 70%, respondeu que participam, e 21 que corresponde a 30% afirmaram que não participam, desses que frequentam as reuniões alguns concluíram que é de fundamental importância esse tipo de contato com a escola, para que assim eles possam acompanhar o desempenho e comportamento de seus filhos na escola, movendo-nos a inferir que, de fato alguns dos entrevistados entendem que acompanhando o desempenho de seus filhos, eles poderão junto com a escola motivá-los.

Muito embora tais aprendizagens sejam preponderantes na infância, elas se prolongam por toda a existência individual - da infância à maturidade. De fato, "é na família que a criança aprende a aprender" (cf. Institut Vanier - UNESCO). Diante dessa afirmação fica mais evidente a encargo da família nesse processo de ensino e aprendizagem e o compromisso dos mesmos junto às instituições de ensino. Os outros que admitiram que não participam das reuniões, esses na maioria equivalem a pais (homem) que justificaram que, por trabalhar em tempo integral não restava tempo para irem às reuniões escolares e por isso eram as mães que iam. No entanto, isso vem nos reportar a pensar que muitos não se sentem comprometidos com a educação de maneira significativa, onde considere essencial essa relação instituição e família.

Já na terceira pergunta, o questionamento foi: você acompanha as atividades escolares do seu filho? A partir da pesquisa realizada percebemos que 50 dos 70 pais pesquisados responderam que sim, que acompanham as atividades escolares de seus filhos, o que corresponde a 71,43% do total, eles relataram que olhavam os deveres do caderno com frequência e os ajudavam a resolver os as atividades solicitadas pelo professor e se consideram muito responsáveis pelo desenvolvimento dos seus filhos.

Enquanto que, 28,57%, ou seja, 20 pais não acompanham as atividades dos filhos, pois relataram não ter tempo já que trabalham o dia todo e chegam cansados.

Diante disso, analisando o perfil socioeconômico dos entrevistados, fica evidenciado que parte destes possui baixa renda, portanto se veem obrigados a se submeterem a tal situação, sobre isto, Einstein afirma que “o homem não deve ser obrigado a trabalhar para suprir as necessidades da vida numa intensidade tal que não lhe restam tempo nem forças para as necessidades pessoais” (ROHDEN *apud* GASPAR, 2011).

Na quarta questão direcionada aos pais indagamos se eles atribuem que a escola do filho é melhor do que na que você estudou? Nas respostas, como pode ser detalhadamente observado no gráfico 46 pais, ou 65,71%, disseram que consideram a escola de seus filhos melhores, a grande maioria deles justificou esta alternativa por causa da facilidade de acesso às tecnologias possíveis nos dias de hoje, isto os fez considerar a educação atual melhor, no entanto, os outros 24, que correspondem a 34,29% afirmaram que não, que na sua época a escola era melhor em termos de aprendizagem, porque naquela época eles aprendiam de verdade, muitos relatam, inclusive, que a ‘palmatória’ era um método de ensino que funcionava de verdade.

Diante dessas afirmações podemos perceber a defasagem do ensino atual, como se sua qualificação dependesse apenas das tecnologias envolvidas, podemos constatar a falta que o conteúdo faz, atualmente, os professores se preocupam com metodologias diferenciadas e esquecem que ensinar, transmitir conteúdo ainda é o mais importante, na atualidade é mais fácil para o professor mandar os alunos pesquisar na *internet*, ao invés de ficar em sala de aula ministrando aula de fato.

A quinta e última pergunta destinada aos pais foi se eles se consideram responsáveis pelo rendimento escolar dos filhos? Considerando a falta de compreensão desses pais com relação ao seu papel e o da escola no desenvolvimento escolar de seus filhos é válido considerar que quando eles afirmam que se sentem responsáveis com o rendimento, 62 responderam sim o que caracteriza 88,57%, diante deste resultado é notável que a prevalência da positividade teve uma camuflagem da real situação, visto que houve medo ou vergonha de dar uma respostas negativa. O restante, apenas 08 que caracteriza 11,43%, afirmaram que não são responsáveis pelo

desempenho escolar, pois, para eles e de total responsabilidade de escola. Mas como afirma Gomes (1993) ao que se refere à educação escolar, “ela se realiza em continuidade à educação familiar e com o princípio da vida escolar, a educação da criança começa na família”. Assim sendo, esse percentual demonstra que as deficiências encontradas nas salas de aula podem ser decorrentes de uma indisciplina familiar que, por sua vez reflete nesse ambiente.

Sobre os alunos entrevistados, num total de 70, com idades acima de 13 anos, matriculados nas séries entre 8º ano e 3ª etapa da E.J.A obtivemos os seguintes resultados:

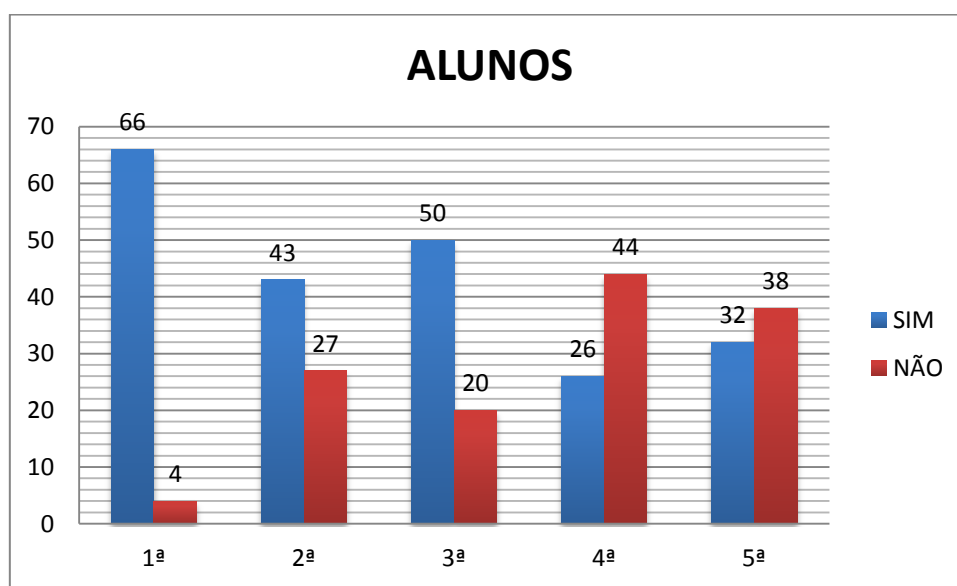


Gráfico 2: Alunos entrevistados

Na primeira pergunta direcionada aos alunos perguntamos se eles acreditam que desempenho escolar atual, pode ajudar na mudança da vida deles?

Nas respostas a pergunta foram detectadas 66 sim e 04 não, o que corresponde a 94,29% e 5,71% respectivamente, a partir desta afirmação a pesquisa sinaliza que estes alunos veem na educação uma forma de mudança, pois, lhes é incutido que esta (educação) é a única forma de evoluir socioeconomicamente.

Gaspar (2011) afirma que através da educação o homem aprende a pensar por si, de forma autônoma e, portanto, torna-se sujeito da sua própria história, propiciando assim um futuro de possibilidades, sempre almejando novos horizontes.

A segunda pergunta destinada aos alunos era: você avalia que seus professores são vocacionados a dar aulas?

Quando perguntado para os alunos se eles acreditam que seus professores são vocacionados a dar aulas, como demonstra no gráfico a maioria consideram os mesmos qualificados, 43 responderam sim, ou seja, 61,43%. No entanto, apesar de as respostas negativas terem sido inferiores às respostas positivas, 27 não acreditam nesta vocação, que corresponde a 38,57 %, isto nos induziu a pensar quais os fatores que levam esses alunos a desacreditarem e perceberem isso desta forma negativa. O primeiro fator é a má qualificação desses professores conduzida por descomprometimento, alta carga horária, turmas superlotadas entre outros fatores; e o segundo fator é o desinteresse dos próprios alunos com relação aos seus estudos.

A terceira pergunta, indagamos se: Você se considera comprometido com seus estudos, fazendo seus trabalhos escolares em dia, estudando em dia, estudando em casa ou na biblioteca, mesmo quando não é período de avaliação?

Considerando o resultado da pesquisa quantitativa realizada a partir da pergunta apresentada detectamos que, 71,43%, ou seja, 50 alunos responderam que sim, que se consideram comprometidos com seus estudos, por acreditarem na importância dos estudos para transformar suas vidas mencionaram que entregam suas atividades no dia marcado e estudam não só no período de provas, mas também, nos demais períodos escolares. Os outros 28,57 %, ou seja, 20 alunos responderam não, com isso observamos que apesar de serem a minoria, ainda assim é uma quantidade muito significativa de alunos que apenas se empenham nos períodos avaliativos por considerarem importante o recebimento de notas altas.

A quarta pergunta destinada aos alunos era: Você leu algum livro por conta própria no semestre passado?

O resultado dessa pergunta foi de 26 para sim, e 44 para não, logo, 37,14% das pessoas responderam que leram, e 62,86% das pessoas não leram. Tendo por base a pesquisa pode-se observar que a maioria dos estudantes não possui o hábito da leitura o que não foge a realidade nacional, também não podemos considerar as respostas positivas como sendo verdadeiras em sua totalidade, pois alguns alunos entrevistados mostraram-se inibidos no momento da mesma.

Podemos nos basear para entendermos melhor a realidade brasileira pela publicação do jornal eletrônico da “Folha de São Paulo” do dia 16 de março de 2006, que destaca a publicação da revista britânica "The Economist" que relata “a situação precária das bibliotecas públicas e o baixo índice de leitura dos brasileiros constituem "motivo para vergonha nacional", juntamente com o crime e com as taxas de juros” (Folha Online, 2006). O brasileiro médio lê 1,8 livros não acadêmicos por ano, menos da metade do que se lê nos EUA ou na Europa. Por estes motivos percebemos que o resultado da pesquisa aponta para uma realidade condizente a realidade nacional que indicam um baixo rendimento no que se refere à leitura.

A quinta e última pergunta destinada aos alunos era: O material didático e de infraestrutura de sua escola, são motivadores para frequentar a escola?

As respostas não apresentaram grande disparidade, pois 32 responderam “sim” e 38 “não”, o que corresponde a 45,71% e 54,29 % respectivamente. Percebe-se que a maioria dos alunos estão insatisfeitos com os livros didáticos, o que nos leva a questionar se o livro foi mal escolhido pelo professor ou se estes não estão orientando corretamente os alunos. Em relação à infraestrutura das escolas que os alunos estudam, eles relataram que estas não são adequadas tão pouco motivadoras, pois deixa muito a desejar em alguns aspectos como: biblioteca e laboratório de informática. Vale ressaltar que alguns entrevistados foram da mesma escola e as visões de qualidade de livros e infraestrutura da escola foram divergentes.

Recortes Analíticos

A partir dos elementos pesquisados faz-se necessário ressaltar alguns pontos, os quais merecem uma atenção maior no quesito analítico-crítico. Consideramos necessário levantar alguns questionamentos em função de inúmeras contradições encontradas nas respostas dos entrevistados, alunos e pais da rede pública de ensino do município de Igarapé-Açu. Ponderar que estas contradições enriquecem e tornam produtivos os campos de discussões a respeito das questões relatadas, objetivando com isso evidenciar variáveis que ocorreram durante a coleta de dados.

Para ilustrar isso melhor tomamos por base o gráfico dos pais, uma das variáveis encontradas é quando são perguntados sobre a participação desses nas reuniões de pais na escola (2ª questão), onde 70% dos pais alegam participarem

assiduamente destes encontros, porém nas experiências em sala de aula e em contato com os alunos, o grupo constatou que a forma como responderam não confidencionaliza fidedignidade nas respostas em função da pouquíssima capacidade de compreensão de noções políticas sociais destes pais entrevistados.

Em seguida, quando perguntados sobre se acompanhavam as atividades escolares de seus filhos e deste modo se consideravam responsável pelo rendimento escolar do seu filho (3ª e 5ª questão respectivamente), quase todos os entrevistados responderam positivamente, isto aponta que se fossemos considerar somente este número poder-se-ia acreditar que a educação básica brasileira está muito bem, e que a sociedade como um todo se preocupa em participar do processo educacional. Em contraste com o que esta sendo divulgado pela mídia e pesquisas, onde índices revelam que muitos alunos se encontram sem saber ler e escrever, ou seja, em carência de alfabetização, sendo necessárias, políticas públicas voltadas para este fim, como exemplo tomamos o “Pacto pela Alfabetização na Idade Certa⁴”, quer dizer, assim se precisa de atitudes para diminuir o analfabetismo entre os alunos do fundamental menor, é porque a educação precisa de reparos e que seria muito ingênuo de nossa parte afirmar que a educação está avançando.

Estes pais também acreditam que a escola que os filhos estudam hoje é melhor do que aquela que eles estudaram anos atrás, usando como argumentos, o fato de hoje em dia haverem projetos voltados para melhorar a qualidade de ensino básico, outro fator que contribui para este avanço educacional é a tecnologia que de alguma forma contribui para que os alunos tenham acesso a variados conteúdos com mais rapidez.

Neste ponto, faz-se necessário analisarmos as variáveis encontradas no gráfico dos alunos entrevistados, e vamos analisar por meio da técnica de comparação. Assim ao compararmos uma pergunta com outra do mesmo formulário é possível encontrarmos afirmações dos alunos bastante antagônicas. Na primeira questão é perguntado: *você acredita que seu desempenho escolar atual pode ajudar na mudança de sua vida?* Mais de 90% dos discentes responderam positivamente, porém ao voltarmos o olhar para os índices de leitura entre estes alunos (4ª questão) constatamos

⁴ O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal assumido pelos governos federal, do Distrito Federal, dos estados e municípios de assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até os oito anos de idade, ao final do 3º ano do ensino fundamental. Fonte: <http://pacto.mec.gov.br/>. Acesso em: 04/04/2013.

que é baixo e eles quase não leem se não tiverem um propósito, (algum tipo de trabalho), ou mesmo quando perguntamos se continuam a serem aplicados nos estudos quando não é período das avaliações (3ª questão) o número de “não” respondidos ultrapassa as respostas positivas. Fazendo esta análise é possível perceber de forma clara e precisa que na realidade o comprometimento destes alunos não é tão grande quanto estes afirmam.

A terceira e a quinta questão do formulário faz referencia ao corpo docente e a infraestrutura da escola. A terceira pergunta é a seguinte: *você avalia que seus professores são vocacionados a dar aulas?* 71,43% dizem “sim” o que resta 28,57% dizendo “não” deste fato concluímos que as afirmações a esta pergunta depende de vários fatores, desde o empenho escolar do aluno, o turno que ele estuda, pois conseqüentemente muda o professor, se este aluno possui ou não simpatia pela matéria, enfim muitos aspectos precisam ser considerados nestas respostas tanto nas positivas quanto nas negativas.

Analisando a quinta questão que diz o seguinte: *o material didático e de infraestrutura de sua escola, são motivadores para você frequentar a escola?* Para análise e interpretação desta pergunta também é preciso considerar o turno em que o aluno estuda, pois, os alunos que disseram que a escola não possui laboratório de informática ou biblioteca estudavam no turno da noite, quando estes locais não estão funcionando por falta de funcionários, assim para eles é como se não houvesse estes espaços na escola. Deste modo o grupo entende que seria necessário políticas públicas, do tipo concurso público que pudesse tornar acessíveis estes espaços nas escolas em todos os turnos. Pois como ficou explicito nas respostas recebidas, a ausência de cuidados com infraestrutura e corpo docente muitas vezes é determinante para o aluno se sentir motivado a ir para a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto e analisado até então, durante e após a coleta de dados da pesquisa, percebemos que a educação no município de Igarapé-Açu está acomodada. A mesma perpassa por dicotomias que impossibilitam o progresso do ensino e produção de conhecimento. A leitura é um fator fundamental para a o desenvolvimento cognitivo, intelectual, cultural, social e psicológico dos educando, e apenas 37,14% disseram que leram o semestre passado. No entanto mediante os anseios no contexto escolar atual a resposta deveria ser de 100%.

Podemos ainda compreender por meio de suas respostas, que os alunos se sentem reprimidos, pois como podemos verificar nos gráficos anteriores, a média das respostas “SIM”, isso nos causa dúvidas sobre a veracidade dos alunos, o que futuramente pode acarretar numa “cegueira” social por conta da repressão do conhecimento, afetando diretamente na liberdade de expressão de cada um. Sendo assim, constatamos que a escola não está incentivando o pensamento autônomo dos alunos e nem contribuindo para a formação de cidadãos aptos a criticidade e reflexão sobre a importância da educação em suas vidas e também sobre os acontecimentos que se referem à política, cultura e ao conhecimento científico, o que acaba implicando no agravamento da alienação social.

De acordo com os gráficos demonstrados, apesar dos pais considerarem que são participativos e acreditarem na educação brasileira. Temos a cada dia a ampliação dos indicadores de baixo rendimento escolar, revelados pelo IDEB - 2011. Entendemos também, que os pais dos alunos não estão acompanhando devidamente os estudos dos filhos causando uma ausência na dialética entre pai e filho, o que é fundamental para o desenvolvimento pessoal e humano do indivíduo. Constatamos uma contradição evidentemente clara na totalidade das respostas dos pais, quando os mesmos dizem ser responsáveis pelo rendimento dos filhos, porém não frequentam as reuniões escolares e as atividades que a escola promove para a comunidade local.

Portanto, para que os pais se sintam satisfeitos com o trabalho docente e administrativo fornecido pela escola é necessário que conheçam e frequentem as reuniões da instituição de ensino em que seu filho está inserido, acompanhando regularmente as atividades pedagógicas na tentativa de descobrir se está havendo um desenvolvimento significativo de aprendizagem, caso não esteja, os pais poderão

informar o docente e a equipe escolar responsável que conseqüentemente serão cobrados a utilizar um outro tipo de método disciplinar.

Desse modo a análise dessa pesquisa trouxe-nos a oportunidade de definirmos nossa percepção com relação à educação no município de Igarapé-Açu, que é uma educação que se encontra com um grande déficit, começando pela infraestrutura dos prédios, dos laboratórios, carência de livros didáticos, falta de profissionais qualificados, falta de incentivo e motivação para com os alunos o que gera falta de interesse dos mesmos, e principalmente o que falta é a integração da instituição escolar com a comunidade e a sociedade como um todo, pois só assim caminharemos para uma educação de qualidade levando em consideração todas as peculiaridades de cada aluno.

A observação dessa pesquisa nos induz, a pensar na procedência dos problemas e nas possibilidades de resolvê-las. Existe ainda um questionamento sobre o porquê destes não serem resolvidos por aqueles que por lei tem o dever de torná-lo concreta. Logo, se pais, instituições, a sociedade e as lei, cumprissem com o seu papel, de estimular, de mediar conhecimentos e garantir a educação básica a todos, o primeiro passo a evolução intelectual desses alunos terá sido dada, não esquecendo que os interesses desses alunos são de grande relevância.

Em suma, verificamos que no processo de desenvolvimento educacional a interação entre família-escola é essencial, pois, sem a família não há valor absoluto no processo de ensino, e sem o ensino sistemático ofertado pela escola a criança não poderá desenvolver o conhecimento formal que necessita. Neste sentido, é necessário um conjunto de práticas educativas para a promoção de uma educação digna e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, E. A. et al. **O que há por trás da evasão escolar no município de Igarapé-Açu nos meses de setembro e outubro? Um olhar para o aluno trabalhador.** In: VIII Seminário sobre Trabalho e Educação: uma década de estudos e pesquisas sobre trabalho e educação na Amazônia, 2012., Anais. Belém: UFPA/Campus Universitário do Tocantins/Cametá, 2012. P. 63 - 75.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Contagem Populacional.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 21 de março de 2013;

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação.** Lei n. 9.394/96;

CORREIA, Wilson. **Cuidar e ensinar: pensando as relações família-escola.** Brasil Escola. Disponível em: <<http://www.brasilecola.com/educacao/cuidar-ensinar-pensando-as-relacoes-familiaescola.htm>>. Acesso em: 05 de abril de 2013;

CURY, Carlos Roberto Jamil. **A educação básica como direito.** Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 134, p. 293-303, maio/ago. 2008;

FOLHA ONLINE. **Leitura no Brasil é uma "vergonha", diz "The Economist".** 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u58816.shtml>. Acesso em: 21 de março de 2013.

GASPAR, M. L. **Einstein: Liberdade de Expressão, Ciência, Escola e Democracia.** Disponível na internet via <http://mginsight.blogspot.com.br/2011/einstein-liberdade-de-expressao-ciencia.html>. Acesso em: 19 de mar. de 2013;

GOMES, Jerusa Vieira. **Relação Familiar e Escola – Continuidade/Descontinuidade no processo educativo.** C.R.E. Mário Covas. Série Ideias n. 16. São Paulo: FDE, 1993. Disponível em: www.mariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias-16-p084-092-c.pdf. Acesso em: 20 de março e 2013;

Leitura no Brasil é uma "vergonha", diz "The Economist". **Folha Online**, São Paulo, 16 de mar. de 2006 . Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u58816.shtml>>. Acesso: em 20 de mar. de 2013;

MENEZES, Leila Simone de A. **Gestão Democrática: integração família e escola.** 42f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós Graduação “Latu Sensu”)- Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/k215127.pdf. Acesso em: 03 de abril de 2013

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2007;

TEIXEIRA, Elizabeth. **As três metodologias: academia da ciência e da pesquisa.**
Belém: Graspel, 2000.